

Paulo Rodrigues Ferreira

ONDE NÃO SOU É QUE COMEÇO

azulcobalto **nova série** | *ficções* 001

Para os meus filhos americanos

Verás os montes altos, os eternos,
e o mais pequeno, onde nasce o dia.
Precioso brinquedo, a terra gira
com a precisa alma do relógio;
leva contigo tudo, não me poupes;
onde não sou é que começo, eu.

António Franco Alexandre, “(envoi)”

1. Elegia da aceleração cardíaca em repouso

Todas as noites pela hora de deitar as pontadas, os apertos no peito e a paranoia esparzindo temores de morrer ao fechar os olhos. César Augusto não dormia. O sono dissolvía-se em nervosidades, em bovinas marradas pungidas de remorso nas almofadas, em périplos circulares na sala alcatifada distendidos para lá da madrugada, em hipocondríacos adágios escoltados por ralações comezinhas e probleminhas financeiros, tais como as contas do gás e da água, os empréstimos bancários e a subida das taxas de juro. Moedeiras assim embargavam-lhe as ganâncias de desfrutar da aposentadoria, a seguir à catrefada de séculos de serviço, tomando banhos solares nas águas do Oceano Pacífico, municiado de lavagantes, coquetéis e ninfas supra-humanas.

César Augusto inspirou e expirou vagarosamente, como nos vídeos do mestre hindu que utilizava para aprofundar as suas habilidades de relaxamento, contou carneiros e ovelhas, recitou uma lista de estadistas soviéticos, de Lenin a Gorbachev, desfiou nomes de celebridades cinematográficas dos tempos a preto e branco, liquefez drageias de melatonina em chávenas de chá de tília, executou um montão de flexões e abdominais ao lado da cama, manuseou os volumes do romance de Proust acastelados na mesa de cabeceira desde o paleolítico, grafou máximas desenxabidas no caderno de bolso, mas o corpo estoirado descartava tréguas. Engalfinhou-se nas mantas empapadas de stresse, cambalhotou, rebolou para a esquerda e para a direita, adiantando os labores do dia seguinte, as caretas de escárnio dos colegas de trabalho, os implausíveis desaguisados e bulhas no compartimento das fotocópias que refluíam em despedimentos por justa causa. Quando os farnicoques de agonias o submeteram, o despertador bombardeou guitarradas que lhe dinamitaram as membranas sonoras e o puseram aos pinotes.

A luz matinal clareou os estores, as buzinas dos automóveis e o chilrear dos pássaros congestionaram o quarto e, com a testa colada à nuca, César Augusto debruçou-se na varanda mastigando uma torrada queimada, acenando à vizinha arrastada por pitbull de traçado bélico e penitenciando-se por ter cochilado um mísero quarto de hora.

“Hoje não vou.” O professor ponderou faltar ao trabalho, pretextar doenças súbitas, paludismos, reumatismos, indícios de gripe, e atrofiar na poltrona reconquistando território à insônia, fantasiando acerca do que poderia ser a sua autobiografia se, ao invés de o selecionar para jogral, burro de carga, a providência lhe tivesse doado abundância material, prêmios de lotaria e atilamento para esquadrinhar oportunidades de emprego fora da área do ensino. “Hoje não dirijo a palavra a ninguém”, ajuramentou. Viraria a cara à Selena de cabelo cortado à tenente-coronel, essa que padecia das manias das mentorias e das maquinações que coziavam lentes em caldinho de ardil, à Inácia dos olhares de esguelha, amiga do maldizer, e ao Aluísio, professor de espanhol em versão caribenha cujas acrimoniosas intervenções nas assembleias-gerais lhe adjudicavam cognomes como Lobo da Alsácia, Barba Azul e Pinóquio. Não bastavam as reuniões quinzenais, nas quais os colegas pavoneavam arrogâncias açuladas por revistas lidas exclusivamente pelos autores que nelas botavam o nome e por palestras presenciadas por multidões de três indivíduos, incluindo o orador. Era compelido a esbarrar na Isabel caçadora de escalpes, autoeleita melhor cientista social da freguesia, e a interagir com o Emanuel das ganâncias desmedidas, que se comparava a sultões por colecionar louvores numa conferência proferida em mil novecentos e qualquer coisa sobre a descoberta de prata nas grutas de Alcácer-Quibir.

As primeiras horas matutinas esfumavam-se com exegeses de conversações aziumadas. César Augusto arrependia-se de feli-

citar por promoção recente a ingrata docente Valéria, que o deixara de mão estendida na fila de pagamento da papelaria, de perguntar ao latinista Abel se desfrutara do fim de semana. O fim de semana nunca corria bem ao pobre Abel: havia exames, aulas para amanhar, e-mails para enviar, cartas de recomendação para redigir. “O trabalho não acaba”, pranteava Abel, definhado na sua cadeira de escritório, quando Augusto se lhe dirigia com cordialidades. “Perdi o interesse nesta vidinha”, pensou César Augusto, bochechando elixir bucal mentolado e perquirindo a cárie no dente incisivo. Nos primeiros anos de “carreira”, aliviado dos anuais relatórios de performance, dos trâmites administrativos que determinavam quem saía do olimpo dos sábios, dos pacotes de documentos requeridos para a renovação de contrato, da pressão para publicar em periódicos de língua indo-europeia germânica, inovava nas técnicas pedagógicas, ficava até à uma, duas da manhã alinhavando a lição do dia, gargarejava chistes nas preleções, memorizava nomes, moradas e datas de aniversário de estudantes que tratava como amigos, arremedava os mestres, debitando citações em grego e latim e reinventando o próprio conceito de ensino, e no fundo achava propósito para as temporadas de escravidão em arquivos e bibliotecas, elaborando hipóteses, vistoriando estantes e baús carregados de papel oitocentista para teses de mestrado e de doutoramento que lhe haviam sugado a capacidade de enxergar ao longe.

César Augusto barbeava-se com uma gilete rafeira na mão trêmula e um espelhinho embaciado a refletir a sua pelugem grisalha, e por instantes visualizou o garoto que calçava chuteiras e marcava golos no clube de futebol de província e partia corações de camponesas, o garoto que se tornara um professor assim-assim, chocho, nem aclamado, nem abominado, um leitinho fervido no micro-ondas, uma pasta de saliva nos cantos da

boca que o guardanapo não limpava. Pior do que os sinais exteriores de decadência física, do que a calvície e os olhos cada vez mais cegos, era secar por dentro, aceitar passivamente as imposições da instituição que lhe pagava o soldo, seguir rituais que prolongavam o marasmo, deliquescer no divã dourando a puberdade, afogar as responsabilidades individuais em recreações, mascarar os melindres na gravata desbotada que vestia para ensinar. Deslocava-se à universidade às segundas, quartas e sextas, dispunha de horários flexíveis, passava parte do tempo em casa, trasladando calhamaços de uma divisão para a outra, rabiscando blocos de notas e desfilando de pijama. Na comparação com trabalhadores braçais, como o primo Norberto, que arrancava ao amanhecer em carrinha atestada de trolhas e era restituído à esposa ao pôr-do-sol, considerava-se sortudo, mas o desgaste imposto por infinitas correções de exames e preparações de aulas, por participações em colóquios resumíveis à leitura de quatro anestésicas páginas ao longo de vinte minutos, suficientes para os ouvintes dormirem soneca, subtraía-lhe idealismo e veemência. Doía-lhe atravessar os corredores do departamento de línguas e literaturas modernas, abarbar carantonhas tão exauridas como a sua, interatuar com estudantes, funcionários e pessoas em geral. Sentia-se cómodo na caverna em que morava, de robe posto e pantufas calçadas, folheando clássicos da literatura escritos por finados que não se gabariam de proezas menores como ter escritório pessoal com placa dourada à porta pendurada. “Se faltar às aulas, não perceberão”, suspirou. “O palhaço invisível arreda-se do circo e ninguém nota.” O cúmulo da invisibilidade era estar presente e não ser visto, ausentar-se e a multidão não dar por isso. Sobre César Augusto, nenhum aluno afirmaria que fora o seu professor favorito ou que lhe revolucionara os ideais. No dia da sua jubilação, não apareceria fila de bajuladores brandindo buquês

de rosas e líricos cartões de despedida. O último dia na universidade seria igual aos dias presentes, de carceragem e de dolentes desenganos. Não privara com intelectuais que o tivessem estimulado a superar a paspalhice humana, não servira em escolas que lhe proporcionassem ambientes de afabilidade. Nem ele se via como afável ou estimulante. Coexistia com os pressentimentos de ter conquistado bagatelas, de falar demais nos seus cursos e de reter cadernos que pertenciam ao lixo. Geria insucessos quotidianos que raiavam em forma de frustração.

“Desisto”, soprou César Augusto, “e não me movo daqui nem que um terramoto destrua o prédio.” Decretou folga, dia de ócio, mas os pés não lhe obedeceram, os dedos ajustaram a gravata da sorte e cataram borbotos do blazer de camurça e a mala de cabedal empanturrada de fotocópias alojou-se magicamente na bagageira do carro. Desistiu e não desistiu. As suas insurreições armadas encaravam no estreitamento traqueal, deflagravam na mente, nos pesadelos em que os colegas o azoragavam. “Se a humanidade dependesse da tua bravura, não teria descoberto o fogo”, dissera-lhe Lívia Júlia na véspera da sua partida para universidade localizada nas cidades da neve. Ao recordar Júlia, incorporava na criança que pisara o prego e não tinha avó que lhe esfregasse água oxigenada na pata. Deglutia carnes, louças e naperões à refeição visando compensar a carência nutritiva no espírito, conversava com a cratera no peito que cuspiam lava e sangue e uivava de angústia. Esvanecida a mulher, não se relacionara com mais ninguém, refugiara-se em folhas manuscritas destinadas à elaboração de obra novelesca que o resgataria da mediania em que chafurdara ao enveredar pela carreira de espantalho disfarçado de educador. Ainda por maturar, repleto de incongruências, gralhas e frases mal-amanhadas, o manuscrito, simbolicamente intitulado “Cavalo Amestrado”, convocava choradeiras que lhe sobreaqueciam os neurónios e

inflamavam as glândulas sudoríparas. Julgando que ao escrever ficção se alhearia das responsabilidades académicas e mitigaria as dores de estar onde não queria e de não possuir a Mona Lisa errante, gatafunhara capítulos sobre encontros amorosos em quartos de pensão com camas rangentes, sobre zangas de circo, bofetadas que levantavam nuvens de pó de talco e peripécias em que Júlia assumia o papel de protagonista. Como consequência de imergir no passado com um filtro de saudade, concebera uma dama idealizada, espoliada de deformidades, cativara-se por efígies. Frequentava locais onde a sentia presente e desmanchava-se em lágrimas e ranho, obcecado por quem não volvia.

“É hora de ir.” O professor irrequieto mirava o relógio, herança do tio militar. Hora de arrojear o cadáver adiado e de repetir a lição do curso introdutório à “História e Cultura Civilizacional Europeia” pela milésima vez, de embuchar o comprimido calmante na antecedência da exibição do emurchecido ânimo aos abutres. Hora de meter a caraça que ocultava o verdadeiro eu, que era indiferente a revistas académicas repletas de entusiasmo lustrado com jargão, a seminários sobre modernidades e pós-qualquer coisa, a reuniões que podiam ser uma locução enviada por telegrama, a concursos a bolsas de investigação e a preceitos abstrusíssimos que amalgamavam filosofia, antropologia e matemática. O eu que fintava jogadores com latas de refrigerante amassadas no recreio escolar e se posicionava nos bancos de trás do autocarro zombando dos amiguinhos e escavava covas na terra para jogar ao berlinde e tingia a guedelha de tons alaranjados com o fito de impressionar meninas.

2. Lições exemplares de audácia

O macambúzio César Augusto entornou-se com funérea ledice no anfiteatro número sete, aparcou o dossier no estrado de ma-

azulcobalto nova série | ficções 001

Paulo Rodrigues Ferreira

ONDE NÃO SOU É QUE COMEÇO

© Autor e Companhia das Ilhas

Edição 356

azulcobalto nova série | ficções 001

1.ª edição AGOSTO de 2025

1.ª tiragem AGOSTO de 2025

Design gráfico e paginação CAM

Fontes

Corpo do texto Swift

Outros elementos Geliat ■ Quick Sand ■ Myriad Pro

Impressão e acabamentos EUROPRESS. INDÚSTRIA GRÁFICA

Depósito legal 552 568 / 25

I S B N 978-989-9154-80-3



COMPANHIA
DAS ILHAS

Rua Manuel Paulino de Azevedo e Castro, 3

9930-149 LAJES DO PICO

Telefones ■ Rede móvel: 912 553 059 | 917 391 275 ■ Rede fixa: 292 672 748

companhiadasilhas.lda@gmail.com

www.companhiadasilhas.pt